

"Não vão calar os movimentos"

ENTREVISTA Guilherme Boulos, do MTST, fala de sua prisão e do Estado de Exceção

A SERGIO LIRIO

Guilherme Boulos, coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, passou dez horas na cadeia na terça-feira 17. Com base na teoria do "domínio do fato", que se tornou popular durante o julgamento do "mensalão" do PT, a polícia paulista concluiu que Boulos não usara de sua influência sobre os militantes para impedir o confronto na desocupação de um terreno em São Mateus, zona leste de São Paulo. Não bastasse, o secretário estadual de Segurança Pública, Márgino Alves, acusou sem provas o militante social de lançar rojões contra os policiais.

Se a intenção, como acredita o coordenador do MTST, era intimidá-lo, a estratégia não funcionou. Ao longo da quarta-feira 18, Boulos alternou-se entre reuniões com os advogados e o planejamento das próximas ações do movimento. Em um rápido intervalo na atribulada agenda, concedeu esta entrevista a *CartaCapital*, na qual comenta o uso da teoria do "domínio do fato" para enquadrá-lo e as falsas declarações de Alves. "O secretário foi covarde. Não teve a dignidade de se retratar."

Segundo Boulos, sua prisão prova a escalada do estado de exceção e revela a intenção de quem está no poder de levar o Brasil a uma convulsão social. "Da nossa parte", afirma, "não haverá nenhum passo atrás."

CartaCapital: As circunstâncias de sua prisão o surpreenderam? O uso da teoria do domínio do fato como justificativa, por exemplo?

Guilherme Boulos: Não foi exatamente uma surpresa. Vivemos uma escalada de medidas de exceção no Brasil. Tivemos o golpe, a perda completa de segurança jurídica, os procedimentos adotados por parte da Operação Lava Jato... Cada vez mais esses procedimentos vão se normalizando e a exceção torna-se regra. A prisão de militantes do movimento social



O secretário Alves e Alckmin: uma mentira justificou a prisão



Boulos, em manifestação na quinta 19, após sua soltura



sem nenhum respaldo legal é mais uma prova. No meu caso, a detenção respaldada em uma teoria absurda, esta do domínio do fato, é lamentável, preocupante, mas não surpreendente.

CC: Segundo a tese da polícia, você não teria usado de sua influência para impedir o confronto, portanto, sua prisão estaria justificada.

GB: É muito estranho. Além de eu ter participado ativamente das negociações entre os ocupantes e a polícia, a tese em si é absurda. Se formos nos basear nessa interpretação, seria preciso indiciar o governador Geraldo Alckmin por incitação à violência. Ele é o comandante da polícia, da tropa de choque do estado de São Paulo, e não usou de sua influência para impedir que os agentes públicos atirassem bombas nas famílias da ocupação em São Mateus. É descabido.

E, quanto mais descabida a tese, mais ela pode e tem sido usada de maneira seletiva, como aconteceu no meu caso.

CC: O secretário de Segurança Pública, Máximo Alves, o acusou, por meio de uma nota, de incitar a violência e lançar rojões contra os policiais. A acusação consta do Boletim de Ocorrência?

GB: Não, não consta. O secretário foi coarde. Ele valeu-se dessa acusação, por meio de uma nota, e, ao que parece, em

“Cumprem o roteiro para levar o Brasil a uma *convulsão social*. Mas não haverá passo atrás”

uma entrevista a um blog de direita, para tentar justificar a arbitrariedade cometida contra mim. Quando soube que a acusação não havia sido registrada no Boletim de Ocorrência, ele deu-se conta de que a afirmação era insustentável. Em seguida, a secretaria divulgou uma nova nota, na qual o assunto tinha simplesmente sido suprimido. Mas o secretário não teve coragem nem dignidade para se retratar. Semeou o boato, mas não o desfez.

CC: O que pretende fazer neste caso?

GB: Os advogados do MTST estão avaliando as medidas cabíveis. Se é o caso de mover uma ação contra o secretário, por injúria ou calúnia.

CC: A prisão de alguma maneira te assusta ou intimida?

GB: A intenção era essa, mas não vai funcionar. É uma completa ilusão acreditar que o aumento da repressão vai deter os movimentos sociais. Vamos continuar nas ruas, na resistência, fazendo o necessário para manter de pé a luta pelos direitos da população, em favor da democracia, contra os retrocessos em curso no País. Não vão calar os movimentos sociais com bombas ou com a polícia. Isso nunca funcionou em nenhum lugar. Na verdade, a repressão acaba por jogar mais gasolina no fogo. Estão cumprindo o roteiro para levar o Brasil a uma convulsão social. Da nossa parte, não haverá nenhum passo atrás. O movimento vai continuar na luta. Na quinta-feira 19 haverá uma manifestação do MTST em São Paulo. Na próxima semana ocorrerão novas ocupações e ações.

CC: Qual a ligação entre o endurecimento da repressão aos movimentos sociais e a convocação de militares para atuar nos presídios. Seriam partes de um mesmo quadro?

GB: Os dois casos associam-se em um aspecto: o governo federal acredita que os problemas sociais se resolvem com repressão, que a melhor forma de solução de conflitos é *manu militari*. É a política do brucutu. •

SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP E CHELLO/FRAMEPHOTO/FOLHAPRESS

